

Átimo - Eu Sou Vários, Eu Sou Muitos¹

Maria Eduarda Barbosa da SILVA²

Caio de Castro Mello SANTOS³

Cássio Oliveira da SILVA⁴

Cícera Hortência de AMORIM⁵

Maria Eduarda Ribeiro ESTEVES⁶

Marília Cardoso Parente de MELO⁷

Bruno Pedrosa NOGUEIRA⁸

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

A revista se propõe a contar histórias de moradores e moradoras do Grande Recife que assumiram uma identidade transgênero e como se relacionam com uma metrópole multicultural que abriga preconceitos, violências, amores e militâncias. É composta por crônica, artigo, reportagens e perfis que traçam, a cada página, um Recife experimentado de forma diferente, sob outro olhar. Questões de identidade, direitos e existência são a base dessa publicação que nasceu com o desejo de retratar, ou mais além, desconstruir.

PALAVRAS-CHAVE: Revista; Identidade de gênero; Transexualidade.

1 INTRODUÇÃO

“Uma forma primeira de significar as relações de poder”, assim, Scott (1995) conceituou gênero, termo que se refere a códigos que permeiam a formação identitária dos sujeitos em sociedade. Ao nascer, os indivíduos são categorizados de acordo com seus órgãos sexuais. Se vêm ao mundo com um pênis, são homens. Com uma vagina, mulheres. Aos homens é atribuído o gênero masculino, com todas as suas significações (modo de se

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria I - Jornalismo, modalidade JO 04 Revista-laboratório impressa (conjunto ou série).

² Aluna líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: eduardamsilva@gmail.com.

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: caio_castro@ymail.com.

⁴ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: cassio.oliveira.jornalismo@gmail.com.

⁵ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: ciceramorim@gmail.com.

⁶ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: dudaribeiro90@gmail.com.

⁷ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: mari.c.parente@gmail.com.

⁸ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: bnogueira@gmail.com.

vestir, agir, relacionar, etc.), às mulheres, o feminino. Viver fora desses códigos não cabe nesse modelo de sociedade, a qual passa a considerar os tais “corpos subversivos”, que não se enquadram nos padrões, como abjetos, ou seja, corpos de menor importância, que perdem sua humanidade e conseqüentemente, suas possibilidades de existência.

A partir da proposta apresentada pelo professor Bruno Nogueira, de trabalhar uma Cartografia Cultural do Recife, ou seja, abordar como grupos sociais se relacionam com a cidade, optamos por escrever histórias de moradores e moradoras da metrópole que possuem uma identidade transgênero ou transexual, que vai além das determinações anatômicas do corpo, mas representam suas íntimas relações consigo mesmo e com o mundo.

Em pesquisa realizada com jornais de Pernambuco, acerca da travestilidade em contextos de criminalidade, foi constatado que a abordagem afasta o leitor da travesti, sempre vítima de violência, como aponta o pesquisador Bruno Robson Carvalho em sua dissertação intitulada “Tá Pensando que Travesti é bagunça?”. Além disso, Carvalho (2014) que há um desconhecimento ou desrespeito em relação à identidade feminina das travestis. “As notícias por nós analisadas mostram uma repetição dos conteúdos sobre travestis, sempre ligadas à prostituição e criminalidade, bem como o desrespeito a sua identidade de gênero”.

Diante desse estigma e partindo do que é proposto por Mary Jane Spink e Benedito Medrado (2004) de que a mídia tem grande poder de transformação de conteúdos simbólicos, decidiu-se que a revista teria como temática a discussão acerca do que é identidade de gênero, com aprofundamento na transexualidade de forma que fugisse da abordagem midiática marginalizada constatada por Carvalho (2014) em sua pesquisa.

A produção da revista partiu, inicialmente, de um estudo sobre as questões de gênero, com uma revisão bibliográfica dos textos de Johan Scott, Guacira Lopes Louro e Judith Butler. A partir das abordagens das autoras, a equipe discutiu conceitos que

perpassam os temas de identidade de gênero, sexualidade e Teoria Queer para então se debruçar nas histórias das personagens.

Para ler a versão digital da Revista *Átimo*, acesse o link: <http://goo.gl/Vw75kS>

2 OBJETIVO

Buscando contar a história de moradores e moradoras do Recife, a Revista *Átimo* tem como objetivo ampliar os debates sobre as diversidades de gênero e sexualidade. Através de uma abordagem que funcione como uma espécie de resistência aos estereótipos propagados pela grande mídia, na qual pessoas trans*⁹ são retratadas no lugar na marginalidade.

3 JUSTIFICATIVA

Em relatório anual de 2014 publicado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), relativo ao assassinato da comunidade LGBT no Brasil em 2013, apontou-se para a região Nordeste como a mais homofóbica, na qual se concentram 43% das mortes do país nesse período. Em seguida aparece o Sudeste e o Sul que registraram, juntos, 35%. O estado de Pernambuco encontra-se no relatório com o maior número de assassinatos de membros da comunidade LGBT em 2013, 34 no total. Os dados do relatório, no entanto, englobam gays, lésbicas, bissexuais e trans*.

Frente a esse contexto de violência, as mídias tem se mostrado como um meio de reiteração de preconceitos pautados por um jornalismo que visa à criminalização das pessoas trans* e o impedimento de que outras identidades que permeiam a subjetividade humana sejam retratadas. Como mostra Bruno Robson em sua pesquisa intitulada “Tá pensando que travesti é bagunça? Repertórios sobre travestilidade, em contextos de

⁹ O termo trans foi utilizado com um asterisco ao final da palavra para evitar classificações que podem ser excludentes. É um termo guarda-chuva, que inclui qualquer identidade trans, estando ela dentro e/ou fora do sistema normativo binário (masculino e feminino) de gênero.

criminalidade, por jornais de Pernambuco”, a travestilidade é uma identidade de gênero frequentemente construída pelo jornalismo em contextos de violência:

Nas notícias vimos travestilidades sendo construídas num contexto de criminalidade. Uma primeira dimensão da construção esteve ligada ao pouco noticiamento dos casos. Esta escassez foi vista como refletindo e reiterando a ininteligibilidade das travestis. Percebemos ainda esta construção e reiteração na maneira como as notícias foram redigidas, utilizando o gênero masculino para se referir às travestis em todas as matérias. Funcionando dessa forma numa violência às identidades de gênero das mesmas. Quando os meios de comunicação utilizam termos masculinos para se referirem às travestis, estão, em certa medida, atuando na construção da feminilidade ligada apenas aos aspectos biológicos, desconsiderando a construção social que permeia o tornar-se mulher. (CARVALHO, 2014, p.75).

Mais ainda, a Revista *Átimo* baseou-se numa necessidade apontada por Louro (2001) de contribuir para a construção de uma nova forma de abordagem para a questão das identidades de gênero, que fosse além dos binarismos entre masculino e feminino, e ampliasse a visão dos leitores em relação às múltiplas formas de existência. A partir dos estudos de Judith Butler, em oposição ao dualismo expresso nas formas como o gênero se constitui no senso-comum, a teoria queer abre a possibilidade para as diferenças, colocando-se contra as normatividades.

Uma pedagogia e um currículo queer estariam voltados para o processo de produção das diferenças e trabalhariam, centralmente, com a instabilidade e a precariedade de todas as identidades. Ao colocar em discussão as formas como o ‘outro’ é constituído, levariam a questionar as estreitas relações do eu com o outro. A diferença deixaria de estar lá fora, do outro lado, alheia ao sujeito, e seria compreendida como indispensável para a existência do próprio sujeito: ela estaria dentro, integrando e constituindo o eu. (LOURO, 2001, p. 10).

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A Revista *Átimo* traz em suas páginas uma tecnologia para tornar a experiência do leitor mais interativa e diversificada. O QR Code leva o leitor para além do papel, possibilitando a visualização de vídeos, além de diversos websites relacionados ao

conteúdo dessa publicação. Essa iniciativa partiu das novas formas de produção de conteúdo jornalístico, pautadas pela convergência entre múltiplas plataformas e nas narrativas transmídia. De acordo com Jenkins (2006) entende-se como convergência o “fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, a cooperação entre os vários setores de mídia e o comportamento migratório das audiências de mídia que vão em qualquer lugar em busca dos tipos de experiências de entretenimento que eles querem¹⁰”.

Os QR Codes são códigos de barras bidimensionais lidos com a utilização das câmeras de *smartphones*. Através de um aplicativo que o decodifica, o leitor da Revista *Átimo* tem acesso aos conteúdos vinculados (entrevistas em vídeos, websites, artigos científicos, etc.) à publicação como uma espécie de hiperlink. A importância dessa estratégia transmídia é de expandir as possibilidades de acesso aos conteúdos. Para Fachine (2014) a estratégia de expansão consiste na

complementaridade entre elementos e programas narrativos interdependentes, mas dotados de sentido em si mesmos. Há, portanto, uma organicidade entre os conteúdos postos em circulação e disponíveis para acesso dos agentes criativos (consumidores). Essa interdependência e organicidade entre os eventos distribuídos entre os diferentes meios é o que nos permite enxergar o conjunto como um tipo particular de narrativa que investe na integração entre meios para propor aprofundamentos a partir dessa distribuição articulada de conteúdos. (Fachine, 2014, p.3).

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

5.1 Do projeto gráfico

¹⁰ Tradução livre do autor de “by convergence, I mean the flow of content across multiple media platforms, the cooperation between multiple media industries, and the migratory behavior of media audiences who will go almost anywhere in search of the kinds of entertainment experiences they want”.

Produziu-se a Revista *Átimo* buscando uma proposta *clean*, que se utilizasse de uma tipologia mais elaborada na construção da identidade visual. Por *clean* entendemos a escolha por fundos brancos e textos limpos de imagens que possam diminuir os contrastes.

Nos perfis, pôde-se ousar mais nas fotografias (realizadas com a câmera do modelo Canon T3) que representavam as personagens principais e, em outras páginas, nos utilizamos de ilustrações produzidas por parceiros e colaboradores especialmente para a edição. Evitando excesso de cores, os pigmentos foram colocados em pontos estratégicos que ajudassem na identificação de cada gênero textual apresentado.

Preferiram-se letras com serifa no corpo do texto para a facilitação da leitura. Os tipos utilizados foram das famílias: Caviar Dreams, Scala e Elkwood. Evitamos alusões às bandeiras de movimentos sociais para reafirmar o produto como jornalístico e, portanto, isento de interesse militante. A capa em gramatura 170 dá firmeza às páginas internas em couchê 125, tamanho A4.

5.2 Da proposta editorial

Optou-se por trabalhar com diferentes gêneros do texto jornalístico (Coluna, Charges, Perfis, Reportagens, Artigo, Crônica e Entrevista) no intuito de diversificar as abordagens acerca do tema e ampliar as formas de relacionamento do/da leitor/leitora com o produto, tornando a experiência mais dinâmica. A escolha dos Perfis, mais ainda, foi uma estratégia de imersão no assunto da transexualidade de forma a representar o tema por histórias de vivências que se relacionam com o urbano.

6 CONSIDERAÇÕES

A produção da Revista *Átimo* traz à tona parte da pluralidade que envolve as identidades de gênero. Através de suas personagens, observou-se a desconstrução de categorias pré-definidas de gênero em busca de um olhar não binário (além do masculino e feminino) para a subjetivação dos sujeitos. Permeada pela evolução do pensamento das



teorias de gênero da segunda metade do século XX e XXI, a Revista conceitua, informa e inova numa abordagem humana e pedagógica.

Espera-se que a publicação contribua para um jornalismo voltado aos Direitos Humanos, baseado na promoção da dignidade e do respeito à pessoa humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, B. **Tá pensando que travesti é bagunça?** Repertórios sobre travestilidade, em contextos de criminalidade, por jornais de Pernambuco. Dissertação. Recife, p. 75. 2014.

FECHINE, Y. **Transmídiação e Cultura Participativa:** pensando as práticas textuais de agenciamento dos fãs de telenovelas. Compós, Belém. 2014.

JENKINS, H. **Convergence culture:** where old and new media collide [e-book]. New York: New York University, 2006.

LOURO, G. L. **Teoria Queer:** Uma Política Pós-identitária Para a Educação. In: Estudos Feministas, 2001.

MEDRADO, B. **Textos em cena:** a mídia como prática discursiva. In.: SPINK, Mary Jane (Org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. – 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2004.

SCOTT, J. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. 1995.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Relatório Anual de Assassinatos de Homossexuais no Brasil.** 2014. Disponível em < <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2015/01/relatc3b3rio-2014s.pdf>>. Acesso em 10 de abril de 2015.